

O Congado e sua relação com a Igreja Católica

Fernanda Pires*

Resumo: O objetivo aqui presente é analisar a conflituosa relação entre os participantes do Congado na cidade de Oliveira com os representantes da Igreja Católica entre o período de 1950 aos dias atuais. No intuito de reconstruir historicamente essa relação pesquisei no jornal local, *Gazeta de Minas*, que até a década de 1980 pertencia à Igreja, sendo este um veículo de comunicação onde os eclesiásticos manifestavam sua opinião sobre a devoção e a expressão festiva dos congadeiros. Além da pesquisa no jornal, realizei entrevistas com os congadeiros sobre seu relacionamento com a Igreja. A partir das fontes reconstruo a conflituosa relação entre congadeiros e representantes da Igreja Católica, demarcando a mudança de opinião e atitudes ao longo dos anos.

Palavras – Chaves: Igreja Católica, Congado, jornal local *Gazeta de Minas*

Abstract: The goal here is to analyze the conflicting relationship between the participants of the Congo in the town of Oliveira with representatives of the Catholic Church between the period from 1950 to today. In order to rebuild this relationship historically search the local newspaper, *Gazeta de Minas*, which until the 1980s belonged to the Church, which is a communication vehicle where the church expressed its views on religion and the expression of festive congadeiros. Besides the search in the newspaper, conducted interviews with congadeiros about his relationship with the church. From the sources to rebuild the relationship between conflict congadeiros and representatives of the Catholic Church, demarcating the shift in opinion and attitudes over the years.

Key – Words: Catholic Church, Congo, local newspaper *Gazeta de Minas*

Introdução

Oliveira é uma pequena cidade situada no interior de Minas Gerais, a Sudoeste de Belo Horizonte, que foi colonizada no século XVIII e depois passou a pertencer a Paróquia de São José Del Rei.¹ Em Oliveira, desde o período escravocrata, ocorre no mês de setembro uma importante manifestação cultural, o Congado, cujo início, no entanto, não se pode precisar. O que se tem é uma ata da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que data de 1831 e o seu primeiro estatuto, de 1860. No Brasil Colônia muitas foram as maneiras encontradas pelos escravos de resistirem à escravidão, criaram laços de solidariedade e sociabilidade uns

* Mestranda da Universidade Federal Fluminense e Bolsista do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹ Gonzaga L Fonseca. História de Oliveira. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alves, 1961, pp 27.

com os outros e é nesse contexto que as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário fazem-se representantes na sociedade.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, conhecida nessa cidade também como Congado, é uma manifestação cultural na qual os afro-descendentes rememoram e recriam as suas origens africanas através de danças e cânticos, coroam seus reis e rainhas e homenageiam seus santos de devoção, afirmando dessa maneira, sua identidade de *negros do rosário*, como eles próprios se denominam.²

A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica.

O Congado sofreu ao longo dos anos paralisações devido a imposições da Igreja Católica, nesse sentido o objetivo desse artigo é analisar a conflituosa relação dos congadeiros com os representantes eclesiásticos entre os anos de 1950 aos dias atuais. Porém, é importante recuarmos um pouco mais no tempo para que possamos compreender as mudanças que ocorreram ao longo dos anos com a festa. É, pois a partir do cruzamento das fontes que se baseará essa pesquisa, mais especificamente no jornal local *Gazeta de Minas* entre os anos de 1900 até a década de 1970, que neste período pertencia a arquidiocese de Oliveira sendo vendido em 1980 para particulares. Assim o considero um importante veículo da Igreja Católica, pois nele transmitia suas idéias e valores a respeito do Congado. Além disso, entrevistas realizadas com congadeiros e um documento encontrado na Arquidiocese de Belo Horizonte.

Durante a escravidão até o ano de 1929, a festa do Rosário, de acordo com a memória oral dos atuais congadeiros e moradores da cidade assim como o jornal local *Gazeta de Minas*, era realizada no interior da Igreja da irmandade. Os reis festeiros, pessoas que arcam com as despesas, eram ali coroados, assim como os reis congos, representantes de Chico-Rei.³

A *Gazeta de Minas* noticiava em 26 de agosto de 1923: “Tiveram início domingo passado com o levantamento dos mastros os festejos do reinado na Egreja do Rozário”, assim como a memória dos *negros do Rosário*. Sobre a questão acima é significativa a memória da

² Os congadeiros se auto-denominam “negros do rosário”. Entrevistas realizadas pela autora em janeiro de 2007 e fevereiro de 2008, em Oliveira e em Belo Horizonte. Foram realizadas seis entrevistas com integrantes do Congado oliveirense: Geraldo Bispo dos Santos Neto – Capitão – mor da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloisa Helena Maurício – Secretária da Associação de Congadeiros de Oliveira, Antônio Eustáquio - Capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês – e Maria Aparecida Nogueira – Rainha Conga de Nossa Senhora do Rosário e Pedrina Lourdes dos Santos – Capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês.

³ Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros e moradores da cidade entre os anos de 2007 e 2009.

capitã Pedrina, do terno⁴ de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês: “Então era ali que se faziam as coroações dentro daquela capela. Ali toda a cerimônia, ali inclusive é cemitério dos negros do Rosário. As coroações eram feitas ali dentro, o Reinado chegava coroa lá, no final da cerimônia tirava uma cumbuca pra ver quem seria o rei de ano.”⁵

Mas a Igreja do Rosário foi demolida no ano de 1929 e o congadeiros ficaram sem lugar para celebrar sua devoção, ocorrendo cada ano em uma igreja. Diversas foram as ações dos agentes eclesiásticos em proibir o Congado, seja por ordens expressas ou com matérias pejorativas a respeito dessa manifestação cultural.

Na década de 1920, o bispo de Belo Horizonte Dom Cabral em “Carta Pastoral – Determinações das Conferencias Episcopais de 1927”, faz uma declaração sobre os Reinados, como também é conhecido o Congado. Conforme o documento “Lamentamos que não tenham ainda desaparecido totalmente os chamados Reinados ou Congados que põem quasi sempre uma nota humilhante nas festas religiosas”.⁶ Porém antes mesmo do ano de e 1927, a Gazeta de Minas já noticiava a proibição do Congado por parte do bispo. Assim em 27 de maio de 1923, segundo o jornal: “Estamos informados de fonte mui segura que S. Exa Revma d. Antonio dos Santos Cabral, bispo de Belo Horizonte proibiu as festas chamadas de reinado que se faziam nessa cidade, por ocasião dos festejos religiosos, em honra a virgem do Rosário”.⁷

Na primeira metade do século XX ocorrem diversas tentativas de proibição dessa manifestação cultural, tanto por parte do bispo de Belo Horizonte e conseqüentemente de Oliveira já que nesse período a arquidiocese de Oliveira pertencia a capital mineira, como também é veiculado no jornal matérias o depreciando e citando as ordens de Dom Cabral. Essas ações resultaram em alguns períodos em que a festa deixa de acontecer, só voltando de forma sistemática na década de 1950.

É fundamental destacar que tanto a partir da memória oral dos entrevistados e das fontes pesquisadas no jornal local não podemos datar exatamente quando a festa foi proibida. Nesse sentido tenho duas importantes considerações a fazer: a primeira como já foi dito anteriormente é que o jornal até a década de 1980 pertencia a Igreja Católica, podendo, durante algum tempo, noticiar matérias pejorativas ou então nada comentavam, já que era um

⁴ Terno é um grupo de dançadores que tem seu capitão, podendo ser mais de um, o meirinho que é a pessoa que carrega água e alimentos para todos do grupo. Cada terno tem suas características próprias: histórias e instrumentos que demarcam sua posição no cortejo e a função no ritual congadeiro. Em Oliveira existem quatro diferentes ternos, o Catopé, Congo, Moçambique e Vilão.

⁵ Entrevista realizada pela autora com Pedrina Lourdes dos Santos em setembro de 2007 na cidade de Oliveira.

⁶ Carta Pastoral – Determinações das Conferencias Episcopais de 1927, pesquisada na Arquidiocese de Belo Horizonte.

⁷ Gazeta de Minas, nº 1836, 27 de maio de 1923, p 1.

dos instrumentos de propagação dos ideais católicos da época. Mas mesmo que o jornal não publicasse nenhuma matéria sobre a festa isso não quer dizer necessariamente que ela não acontecesse, seja nas ruas, em uma Igreja ou no fundo de uma casa.

Em segundo, a partir da pesquisa no jornal e entrevistas realizadas percebo que a festa em alguns anos ocorria e em outros não, podendo esse fato ser explicado pelo medo da repressão policial à sua manifestação cultural. De qualquer forma, ficou guardado na memória dos atuais congadeiros e de seus antepassados a proibição da Igreja ao Congado assim como nos mostra o documento encontrado na arquidiocese de Belo Horizonte.

Os congadeiros entrevistados nos relatam o motivo da paralisação da festa como nos conta a secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, Heloísa Helena:

Essa paralisação se deu o seguinte: foi esteve aqui no Brasil um grupo de pesquisadores, estudiosos, pessoas que vieram conhecer a cultura brasileira e com isso eles procuraram o folclore, religião, né. E a festa do Congo ela é uma mistura de folclore e religião. E na parte folclórica nós temos as caixas, os tambores, os reco – reco, as gungas, pantagomes, violões, sanfonas quer dizer são diversos os instrumentos de percussão e os ternos usam pra as suas danças e seus cânticos. E ao assistirem o Congado aqui, já haviam passado pela Bahia – na Bahia conheceram o candomblé, né e outros ritimoss da Bahia. Quando chegaram aqui assemelharam os toques do Congado com toques do Candomblé, e o Congado possui o Candombe, né e já fizeram essa conclusão.⁸

De acordo com a memória de todos os entrevistados⁹ o que se relata é que no ano de 1950 a festa voltou a ser celebrada. Sinhá Saffi, mulher branca, pertencente à elite local e apreciadora da festa, teve uma visão da imagem¹⁰ de Nossa Senhora do Rosário e foi conversar com Seu Geraldo Bispo, seu compadre e que, antes dos festejos serem proibidos, era rei congo de São Benedito. Juntos interpretaram este fato como um sinal de Nossa Senhora do Rosário para que eles resgassem o Congado em Oliveira. E assim foi feito. Seu Geraldo contactou as autoridades locais e conseguiu a licença para o recomeço dos festejos¹¹. Dona Sinhá Saffi e seu marido Oswaldo Saffi contribuíram financeiramente para a realização da festa.¹²

⁸ Entrevista realizada com Heloisa Helena, Secretária da Associação dos Congadeiros de Oliveira, em janeiro de 2007, na cidade de Oliveira.

⁹ Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009 nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

¹⁰ A aparição de Nossa Senhora do Rosário acontece de forma diferenciada dependo da região.

¹¹ Entrevistas realizadas pela autora com congadeiros entre os anos de 2007 e 2009 nas cidades de Oliveira e Belo Horizonte.

¹² Como veremos mais adiante no trabalho a volta da Festa de Nossa Senhora do Rosário não ocorreu sem conflitos, agentes civis e eclesiásticos criticavam e impunham barreiras aos congadeiros.

Mas não devemos nos precipitar: o seu retorno não foi tão fácil assim. No primeiro ano ela aconteceu no terreno da casa da Sinhá Saffi com poucos ternos e teve somente um ou dois dias de festejo¹³. Com o passar dos anos o número de ternos foi aumentando e os dias da festa também, chegando atualmente a uma semana e dezessete ternos. Porém até chegar a configuração atual com a celebração de uma missa Conga no interior da Igreja e o palanque montado em plena Praça XV de Novembro, local nobre da cidade, muitos foram os obstáculos e táticas elaboradas pelos congadeiros para prosseguirem com sua devoção.

Mesmo após a volta do Congado, o posicionamento da cidade letrada¹⁴, representantes da Igreja Católica, da Prefeitura e o jornal local *Gazeta de Minas*, mudou pouco em relação aos primeiros festejos (desde o período escravocrata até o momento de sua paralisação). Aproprio-me aqui da definição de cidade letrada de Angel Rama, que afirma que a esta “compunha o anel protetor de poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. Todos que manejavam a pena...” O autor analisa a cidade barroca, mas acredito que essa definição pode ser utilizada no contexto de 1950 aos dias atuais, devido as diferentes e opostas visões de mundo que compõem a cidade de Oliveira e também pelo fato da cidade letrada regular a ordem e exprimir suas opiniões em relação aos congadeiros.

Assim as reportagens pesquisadas no jornal local mostram como a cidade letrada se posicionava já no próprio ano de 1950, data da volta do Congado em Oliveira: “Lembrem-se os Revmos Srs Vigários da proibição dos tais Congados, devendo explicar ao povo o verdadeiro sentido da piedade e devoção ao Rosário, combatendo as superstições e abusos”¹⁵, fazendo uma clara referência ao documento do bispo Dom Cabral e a matéria noticiada na década de 1920 também na *Gazeta de Minas*.

No ano seguinte, Zé Canela de Ferro em artigo publicado no referido periódico afirma que o Congado deveria ter acabado junto com a escravidão, sendo uma manifestação cultural que tinha que ter ficado restrita ao tempo do cativo:

Acabou-se a escravidão. Ficou o reinado. Aquilo era feito como um ato de devoção, entremeado das danças e comedorias abundantes. O povo gostava de ver aquela festança, única na falta de outras. Havia simplicidade. A fé era mais viva. Embora houvesse abuso por vez outra, tudo era suportável como uma folgança. Mas.. depois

¹³ Os congadeiros não têm uma data precisa para os acontecimentos, a partir de entrevistas com os participantes da festa e moradores antigos da cidade, além da pesquisa no jornal local tento reconstruir o passado da festa. Eles possuem uma Ata de Reuniões, porém essa só passou a ser realizada na década de 1970 e congadeiros antigos que participaram da volta da festa já faleceram.

¹⁴ Ver Angel Rama. “A cidade ordenada”. In: *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 24-40, pág 43.

¹⁵ *Gazeta de Minas*, ano LXIII, n ° 28, 30 de setembro de 1950, p 2.

*vieram mais abusos, o motivo de fé ficou reduzido enquanto crescia a decadência da pureza e da reta intenção. Vieram as bebedeiras, as danças intérminas, os gastos multiplicados, a fartura exagerada de comida... Vieram outros abusos de Carter moral. Ora, aquilo se tolerava num ambiente de negros escravos e de gente simples e ignorante, porque tinham reta intenção e pretendiam agradar à Senhora do Rosário.*¹⁶

Em outro artigo intitulado “O tal do Reinado”, Zé Canela de Ferro mais uma vez faz duras críticas ao Congado e afirma que “Já não estamos mais na África e a senzala já se acabou!... Será que os tais estão com saudades de escravidão?...”¹⁷

A partir dessas breves considerações cruzarei as fontes pesquisadas: depoimentos dos congadeiros e as matérias da Gazeta de Minas dividindo as décadas para melhor compreendermos a mudança de abordagem do jornal.

Assim, ao longo da década de 1950 percebemos duas outras vertentes de notícias a respeito da festa do Rosário. A primeira delas é que fazem questão de desvincular a idéia de Congado como festa do Rosário, não aceitando tal manifestação como festa religiosa. Em matéria de 29 de setembro de 1957, a Gazeta noticiava: “Está sendo preparada a festa do Congo com cantorias e dansas africanas, devidamente licenciadas pela polícia. Se fosse festa religiosa, é claro, a licença seria eclesiástica. A festa do Congo é inteiramente profana, depende da polícia, uma festa como o carnaval”¹⁸. E ainda em 28 de setembro de 1958: “Não há aprovação eclesiástica. A paróquia não toma conhecimento e quem chefia, infelizmente é quem menos autoridade moral possui para uma festa popular que os católicos possam aprovar”.¹⁹

Apesar do posicionamento da Gazeta de Minas que nesse momento também representa valores da Igreja católica, o sentido do festejo para os seus participantes é religioso como afirma a capitã Pedrina: “Porque pra nós a festa do Rosário é a nossa manifestação de fé, de devoção, ela é religiosa, mas muitas vezes para a Igreja ela passa pelo profano.”²⁰

A segunda questão que permeia as matérias publicadas ao longo da década de 1950 se refere ao espiritismo. Apesar de não mencionar diretamente a relação do Congado com o espiritismo, é fundamental percebermos que ao desvincular o Congado como festa religiosa e em alguns momentos chamá-lo de bárbaro, demonstra a opinião da Igreja Católica sobre esta manifestação cultural, ligado ao fato de que os colunistas do jornal afirmarem que o Congado

¹⁶ Gazeta de Minas ano LXIV, nº 81, 21 de outubro de 1951, p 3.

¹⁷ Gazeta de Minas, nº 322, 2 de setembro de 1956, p 3.

¹⁸ Gazeta de Minas ano LXX, nº 375, 29 de setembro de 1957, p1.

¹⁹ Gazeta de Minas, ano LXXI, nº 422, 28 de setembro de 1958, p1.

²⁰ Entrevista realizada pela autora em fevereiro de 2008 com Pedrina Lourdes dos Santos – Capitã do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, na cidade de Belo Horizonte.

é praticado por negros assim como o espiritismo. Zé canela de Ferro em “Espiritismo – a maior superstição de todos os tempos”, em 31 de maio de 1959 afirma que: “Esses espíritas de macumba deviam dar um passeiozinho à África ou à Índia, onde sua majestade infernal tem templos e adoradores”.²¹

Os atuais congadeiros sabem o que a cidade letrada pensava sobre sua prática cultural, mesmo que em alguns casos estivessem errados. O capitão Antônio Eustáquio afirma que em anos anteriores o Congado estaria mais ligado com determinados preceitos do espiritismo:

*Exatamente, tinha muita resistência. As autoridades, principalmente, pelo que eu sei, perdeu o brilho da festa porque na época tinha muitas misturas da parte nossa. Eu sou religioso, mas também tinha muitos espíritas e o nosso bispo – Dom José de Medeiros Leite- ele interditou a festa por causa do espiritismo. Tinha muita infiltração dentro da festa que, tinha que ser a festa religiosa como é hoje. Nós costumamos ter acesso dos ternos, dos dançadores, reis, rainhas, nós costumamos a adquirir que o acesso nosso dentro da igreja.*²²

No ano de 1959, começamos a perceber uma mudança de perspectiva do jornal ao noticiar a festa do Rosário, não que os congadeiros ainda não sejam alvos de críticas, mas passam a ligá-lo às tradições folclóricas brasileiras e chegam a elogiar a festa, sua organização e alegria: “Toda Oliveira teve dias de reboição e alegria com o antigo congado. Justiça seja feita: o Congado organizado nesta cidade se apresentou muito correto, atendendo às exigências cabíveis pelas autoridades, não saiu com símbolos religiosos, nem consentiu em abuso de bebida e comedoria. Havia garbo e disciplina”.²³

Alguns posicionamentos do referido periódico ainda permanecem na década de 1960, porém com menos força. O primeiro deles é relacionar a macumba como uma prática exclusivamente dos negros e como já foi afirmado anteriormente numa referência ao Congado. A exemplo temos mais um artigo do Zé Canela de Ferro intitulado “Macumba é indústria no Brasil” onde afirma que: “A macumba é de origem africana. Para aqui a trouxeram os escravos, que era a religião dos pagãos de diversas tribos africanas”.²⁴

A outra questão é que afirmam que Congado não é festa religiosa, mas sim profana: “Convém lembrar que o congado não é uma festa religiosas, sujeita à autorização do Sr Bispo, No dizer do PE. Nobre, trata-se apenas de puro folclore de Minas Gerais, como peça

²¹ Gazeta de Minas, nº454, 31 de maio de 1959.

²² Entrevista realizada pela autora em fevereiro de 2008 com Antonio Eustáquio dos Santos - Capitão do terno de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, na cidade de Oliveira.

²³ Gazeta de Minas, n 464, 9 de agosto de 1959.

²⁴ Gazeta de Minas, ano LXXXIII, nº 532, 16 de outubro de 1960.

riquíssima em canções e poemas que retratam a crença de épocas dentro das quais o Brasil se formou”²⁵.

Porém algumas modificações ocorrem na maneira do jornal abordar o Congado entre elas, por exemplo, quando começam a detalhar as características da festa como a quantidade de ternos e dias de festejos²⁶. No ano de 1964 comenta-se sobre a existência de uma missa como podemos observar: “As autoridades estiveram presentes Mons. Leão celebrando Missa Campal e dirigindo sua palavra sacerdotal, lembrando aos componentes dos ternos a necessidade de uma vida cristã perfeita, o dr. Rui Barroso discursando no encerramento e o Sr. Prefeito dirigindo carta de congratulações”²⁷, assim como no ano de 1966 fala da missa campal e da procissão de encerramento.²⁸

A memória dos atuais congadeiros nos revela questões importantes acerca da missa realizada durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Um primeiro ponto é que até um determinado período a missa conga e o palanque onde atualmente ocorrem as apresentações dos reis e rainhas para o público estão intimamente relacionados. Assim que a festa voltou, ao que tudo indica, durante uns dois ou três anos não houve celebração de missa. Porém por volta de 1953, começou a ser realizada, mas não havia permissão dos agentes eclesiásticos para a celebrarem no interior da Igreja. Assim foi criado o palanque, que tinha como função ser um altar de coroação dos reis congos e festeiros, tendo a benção de um padre, relembrando a época em que a festa acontecia na antiga Igreja do Rosário. O palanque mudou de lugar ao longo dos anos na cidade, em um primeiro momento era montado em um lugar na periferia e depois no centro da cidade. Mas por volta da década de 1970, a missa continua campal, mas foi realizada do lado de fora das Igrejas da cidade ainda em um palanque. Somente na década de 1990 é que os participantes da festa adentraram a Igreja. Entendo que o Congado voltou, mas muitas foram as barreiras encontradas pelos congadeiros para conseguirem entrar na igreja e muitas também foram as estratégias encontradas pelos *negros do Rosário* para continuarem com seu festejo e entre estas está a criação do palanque.

É ainda nesse momento que o Congado começa a participar de eventos dentro e fora da cidade de Oliveira, passando a ser considerado uma importante manifestação folclórica, parte integrante das tradições brasileiras. Duas dessas participações merecem destaque: a primeira em setembro de 1961 na comemoração do centenário de sua cidade, onde ternos

²⁵ Gazeta de Minas, ano LXXVI, nº 614, 16 de outubro de 1962,

²⁶ Terno é um grupo de dançadores e no Congado existem vários ternos.

²⁷ Gazeta de Minas, ano LXXII, nº 711, 19 de set de 1964,

²⁸ Gazeta de Minas, ano LXXVIII, n 81325 de set de 1966,

desfilam pelas ruas²⁹ A segunda é a em abril de 1965 quando o terno de vilão participa das comemorações do 4º centenário da cidade do Rio de Janeiro.³⁰

Além, disso, a Gazeta também noticia que o Departamento de Educação da Secretaria da Educação através do Serviço de Difusão cultural recomenda que as escolas públicas comemorem a Semana do Folclore Mineiro no mês de agosto, propiciando assim uma maior evidencia ao Congado³¹.

Durante a década de 1970 a *Gazeta de Minas* continua com a mesma linha de pensamento ao noticiar o Congado vinculando-o ao folclore brasileiro, especificamente como parte da tradição mineira além de nos dar mais subsídios para analisar as características da festa como, por exemplo, a quantidade de terno e onde se realiza a missa.

Durante as décadas de 1980 e 1990 os congadeiros mudaram várias vezes de local para a celebração da missa conga, ora sendo realizada na Igreja dos Passos, ora na Igreja do Alto do São Sebastião, ainda do lado de fora da Igreja. Os *negros do Rosário* têm o desejo de sempre realizar a sua missa na antiga Igreja do Rosário, mas encontram barreiras do atual pároco, o padre Guido. Heloisa Helena mostra em seu depoimento que lá foi realizada somente uma vez na década de 1990, mas mesmo assim o pároco citado acima pediu aos congadeiros que não tocassem bruscamente seus instrumentos, as caixas³²: Os congadeiros acreditam que o espaço da antiga Igreja do Rosário lhes foi roubado. Ainda a consideram um lugar sagrado, uma relíquia do tempo do cativo, que tem uma história que foi construída pelos seus antepassados.

A partir do ano de 1994, os congadeiros fazem o Lamento Negro tendo como perspectiva relembrar o período da escravidão. Antes da Missa Conga, com as portas da Igreja fechadas o terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário declama, em nome de todos os congadeiros vivos e mortos, o Lamento. O Lamento Negro nos conta que:

²⁹ Gazeta de Minas, 19 de setembro de 1961.

³⁰ Gazeta de Minas, ano LXXVII, nº 730, 11 de abril de 1965

³¹ Gazeta de Minas, ano LXXXI, nº 909, 11 de agosto de 1968,

³² Realizei em setembro de 2007 uma entrevista com o Padre Guido, mas o mesmo não autorizou a utilização da entrevista a mim concedida.

*Vou contar-lhe uma história/ Peço que preste atenção/ É uma história muito antiga/
Do tempo da escravidão/ No dia 13 de maio/ Assembléia trabaiô/ Nego veio era
cativo/ E princesa liberto/ Nego veio era cativo/ E agora virou sinhô/ No tempo da
escravidão/ Era branco que mandava/ Quando branco ia pra missa/ Era nego que
levava/ Quando branco ia pra missa/ Era nego que levava/ Branco entrava para
Igreja/ Nego cá fora ficava/ Branco entrava pra igreja/ Nego cá fora ficava/ E se
nego reclamasse/ De chiquirá ele apanhava/ E se nego reclamasse/ De chiquirá ele
apanhava/ Nego só ia rezar/ Quando na senzala chegava (Reza-se pelas almas dos
negros escravos falecidos)/ Que dó, que dó/ Jesus Cristo está no céu/ Amparando
estas almas/ desse nego sofrêdo (Pedido feito ao padre para que seja aberta a porta
para os negros entrarem)/ Ô sinhô abre a porta/ Que os nego quer entrar/ pra ouvir
a Santa Missa/ Que o sinhô vai celebrar/ Louvor a Nossa Senhora do Rosário/
Virgem do Rosário/ Sois rosa mimosa/ Entre outras flores/ Sois mais formosa/
Maria concebe o verbo encarnado/ Que veio ao mundo/ Remir os pecados.³³*

Nessas breves considerações a respeito da relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica, principalmente a partir da análise do jornal *Gazeta de Minas*, percebemos que ocorre um processo de aceitação desses agentes ao Congado. Ao longo das décadas a cidade letrada mudou de opinião sobre a Festa do Rosário: antes ela era bárbara e horripilante e depois passaram a elogiá-la. Mas mesmo com a mudança de tom das reportagens da *Gazeta de Minas* alguns párocos ainda contestam a devoção congadeira, representada pela proibição do Padre Guido em celebrar a Missa Conga na antiga Igreja do Rosário.

³³ Lamento Negro à porta da Igreja. Casa de Cultura Carlos Chagas, Pasta dos Negros.